

• LÍNGUA E
LINGUÍSTICA

O DISCURSO DOS MEMES SOBRE A CRISE POLÍTICA BRASILEIRA – SINAIS DE RACIONALIDADE CÍNICA?

Dina Maria Martins Ferreira*
Marco Antonio Vasconcelos**

Resumo: O objetivo deste trabalho é, por meio de *memes*, analisar multimodal e criticamente o discurso a respeito da crise política brasileira. Para tanto, mais especificamente, examinamos, por meio do aparato teórico da Análise do Discurso Crítica (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003) e da Gramática do Design Visual (KRESS; VAN LEEUWEEN, 2006), os discursos *meméticos*, buscando também discutir, por meio das propostas de Sloterdijk (2012) e de Safatle (2008), as implicações socioideológicas dos discursos materializados. À medida que construímos uma análise de cunho multimodal e crítico, ressaltamos que o humor do *meme* se transforma (ou não) em discurso ideológico que produz sentidos de ordem crítica.

Palavras-chave: Discurso de *memes*. Cinismo. Ideologia.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde o ano de 2016, a crise de/na representação¹ no espaço da democracia brasileira se aprofundou, tornando-se verdadeiramente uma crise política. *Impeachment*, denúncias de corrupção e baixa popularidade dos governantes são alguns dos elementos mais característicos do momento que viveu e vive a política nacional. Não obstante, a crise econômica aprofundou contradições e desigualdades existentes no país, acentuando conflitos e disputas entre os diferentes grupos sociais.

* Université Paris V, Sorbonne, Paris, França e Universidade Estadual do Ceará (Uece), Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: dinaferreira@terra.com.br

** Universidade Estadual do Ceará (Uece), Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: marco_clarineta@yahoo.com.br

¹ De acordo com Moisés (2005, p. 2), “as instituições democráticas são objeto de ampla e continuada desconfiança dos cidadãos brasileiros. Pesquisas recentes mostram que, apesar do apoio ao regime democrático *per se*, cerca de dois terços dos brasileiros não confiam – em diferentes graus – em parlamentos, partidos, executivos, tribunais de justiça e serviços públicos de saúde, educação e segurança”.

Com o crescimento do número de pessoas que podem acessar a *internet*, o espaço virtual tornou-se um local privilegiado para a observação da dinâmica social associada a esse conflituoso momento. Nos espaços virtuais, há sempre alguém falando de política e dos rumos que o Brasil deveria ou não seguir para sair da teia de impasses na qual se vê atado.

De fato, no Brasil, hoje, o universo virtual é um local em que se multiplicam os conflitos sociais, as disputas de influência e também os chamados *memes*². Segundo Davison (2012), *meme* é um texto sucinto de cunho humorístico e de caráter verbo-visual, que, mobilizando um *remix* cultural, ganha difusão *on-line*. Os *memes*, com humor e modo de circulação veloz, tomaram conta das redes sociais e são um dos principais meios de narração dos eventos da crise política que vêm marcando o país.

Para além de uma visão meramente casuística desse gênero de discurso, vendo-o não como simples meio de vinculação humorística, acreditamos que, a partir de uma concepção de linguagem como prática social, à maneira do que propõe a Análise do Discurso Crítica (ADC), a ascensão desse gênero no universo da *internet* se fez profícua para compreender a crise política brasileira na medida em que esta ascensão dá a ver um determinado modo de funcionamento da ideologia e mesmo, talvez, de todo um *modus operandi* do social contemporâneo. Ao encontro disso, o objetivo deste trabalho é analisar multimodal e criticamente o discurso dos *memes* a respeito da crise política brasileira. Para tal empreitada, utilizamo-nos do aparato teórico da Gramática do Design Visual (GDV) (KRESS; VAN LEEUWEEN, 2006), Análise do Discurso Crítica (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003) sob a égide da dimensão representacional³ dos *memes*⁴, que se encontra com outros afluentes teóricos da ordem de implicações socioideológicas (SAFATLE, 2008; SLOTERDIJK, 2012).

MULTIMODALIDADE, LETRAMENTO VISUAL E GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL

Com a globalização e a ascensão tecnológica, deparamos com um cenário de mudanças no qual há não somente alteração do funcionamento do campo social, econômico e cultural, mas também, de acordo com Kress (2003, 2005), a da relação que estabelecemos com a leitura, com a escrita e com as práticas sociais a elas articuladas. Nesse novo cenário, repleto do que Kress chamou de “metáforas de mudanças”⁵, temos a ascensão do que pensadores da linguagem como Jewitt (2010) vão chamar de “multimodalidade”.

- 2 *Meme*, do grego *mimesis* (imitação), é o fenômeno de “viralização” de uma informação. O termo foi cunhado em 1976 por Richard Dawkins no seu *best-seller O gene egoísta* (1979) para nomear uma espécie de unidade básica de cultura, à semelhança do papel que o gene exerce ao nível genético. É considerado uma unidade de informação que se multiplica de cérebro em cérebro ou entre locais onde a informação é armazenada (como livros). No que diz respeito à sua funcionalidade, o *meme* é considerado uma unidade de evolução cultural que pode de alguma forma autopropagar-se. Os *memes* podem ser ideias ou partes de ideias, línguas, sons, desenhos, capacidades, valores estéticos e morais, ou qualquer outra coisa que possa ser aprendida facilmente e transmitida como unidade autônoma. O estudo dos modelos evolutivos da transferência de informação é conhecido como memética.
- 3 O que chamamos neste momento de dimensão representacional se liga à maneira como os eventos são construídos por meio do discurso.
- 4 A seleção dos *memes* a serem analisados obedeceu aos seguintes critérios: 1. *memes* sobre o *impeachment* vinculados pela mídia hegemônica; 2. *memes* centrais na construção da notícia/reportagem analisada. No caso, os dois *memes* a serem analisados aqui, respectivamente, abrem e fecham uma reportagem do programa *Fantástico*, de 21 de maio de 2017, produzido pelas Organizações Globo, a respeito do *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5884933>>. Acesso em: 30 out. 2018.
- 5 Kress (2003) e Kress e Van Leeuwen (2006) se utilizam do termo “metáforas de mudanças” para falar das transformações que, desde a década de 1980, ocorreram na vida social. Transformações essas que, extrapolando as dimensões sociais, econômicas e

Seguindo o que nos dizem Callow (2014) e Kress e Van Leeuwen (2006), seria possível dizer que, no espaço dos estudos da linguagem, mais do que uma característica de alguns textos, a multimodalidade tornou-se um campo de estudos centrado em investigar como por meio do uso de vários modos, que variam desde a escrita, fala, imagem, som, gesto, tipografia, imagem em movimento etc., os significados comunicativos são construídos e compartilhados.

Contemporaneamente, entre os textos multimodais que mais se destacam, temos aqueles que, centralmente, se utilizam de imagens; até porque, no campo científico, a ideia de que nossa cultura se encontra cada vez mais mediatizada por imagens é praticamente um consenso. Sem dúvida, hoje, falar de circulação de textos é falar de circulação de imagens. É importante salientar, no entanto, que essa maior circulação de imagens não garante que as pessoas estejam necessariamente preparadas para lidar, em sua vida social, com textos imagéticos. Como nos diz Avgerinou (2009, p. 28),

[...] a proliferação das imagens visuais não [...] sugere que suas habilidades para navegar, interpretar ou analisar imagens esteja aumentando para atender as demandas da sociedade contemporânea.

E, devido ao excesso de imagens no universo social, emergem estudos voltados para o campo do Letramento Visual (LV), em especial para o campo do Letramento Visual Crítico (LVC). Conceitualmente, quando se fala de LV e/ou LVC, quer-se aventar de que trata de estudos que visam: desenvolver habilidades necessárias para que o leitor seja capaz de interpretar o conteúdo de imagens visuais; examinar seu impacto social; discutir seu propósito, audiência e autoria; e fazer julgamentos da validade e do seu valor no espaço dos mais diversos horizontes de circulação social.

Uma das mais produtivas propostas para o letramento visual é a chamada Gramática do Design Visual (GDV). Esta, seguindo na trilha gramatical sistêmico-funcionalista proposta por Halliday (1985), procura descrever, no âmbito visual, a série de recursos imagético-textuais disponível e a maneira como os recursos são usados em contextos relativamente recorrentes. Com efeito, a GDV caracteriza-se mais como um modelo de análise de imagens em contexto – uma espécie de semiótica social – do que uma teoria geral de leitura imagética.

Para operacionalizar sua proposta, os idealizadores da Gramática do Design Visual, Kress e Van Leeuwen (2006), visando entender como os elementos se combinam/conectam para criar sentidos, propõem que se segmentem os textos e composições visuais em seus componentes e funções básicas. E na trilha da ideia de metafunções de Halliday (1985), esses autores nos apresentam três funções imagético-textuais: *representacional*, *interativa* (ou *interpessoal*) e *composicional*⁶; a primeira está ligada à maneira como se representa a experiência, a segunda, relacionada à forma como o texto estabelece relações com o observador, e a terceira, associada ao jeito como o texto se organiza como estrutura visual.

culturais da sociedade, atingem as próprias práticas de linguagem, por exemplo, por meio da migração da página do livro para a tela digital, da escrita para a imagem, da lógica do tempo e sequência (língua) para a lógica do espaço e da simultaneidade (imagem); e, ressoando a ideia de leitura do mundo de Paulo Freire (2014), da ideia de mundo contado (descrito) para a ideia de mundo mostrado.

6 As categorias da GDV são elencadas, quando citadas pela primeira vez dentro do texto, em itálico de modo a chamar a atenção para suas segmentações. Ao final da apresentação sobre a GDV, oferecemos uma tabela, de modo que o leitor possa ter uma visão "total" e sua segmentação hierárquica.

Para analisar a dimensão representacional, os autores propõem a segmentação de duas grandes categorias: *conceitual* e *narrativa*. A categoria narrativa está ligada à ideia de ações entre participantes e de eventos que se desencadeiam no espaço e no tempo; por sua vez, a categoria conceitual está relacionada à ideia de classificação em termos de características individuais e de identidade. Nas representações narrativas, analisa-se, sobretudo, a presença dos participantes envolvidos no evento, a presença de vetores indicando ação ou reação (setas propriamente ditas ou vetores formados pela linha do olhar, dos braços e/ou da orientação corporal) e a inserção de participantes em um plano de fundo que indique as circunstâncias de tempo e de espaço nas quais o evento se desenvolve. Nas representações conceituais, por se caracterizarem pela ausência de vetores, pela apresentação de participantes em uma relação parte/todo e pela ausência ou menor detalhamento do plano de fundo, investigam-se, em particular, os participantes, discutindo-lhes a classe, a estrutura e o significado.

Nas representações narrativas, um dos principais processos é o de *ação*, no qual há vetores de movimento no espaço textual. Pode ser segmentado em *transacional* e *não transacional*; a ação transacional envolve a presença de vetor de conexão e tem pelo menos dois participantes; e a não transacional é uma ação que envolve apenas um participante e um vetor.

Ao nível conceitual, podemos segmentar os *processos* em *classificacional*, *simbólico* e *analítico*. No processo classificacional, organizam-se simetricamente pessoas, lugares ou objetos dentro do espaço visual para mostrar quão semelhantes elas são quando pertencem à mesma classe, ou como pertencentes a uma mesma categoria. No processo simbólico, há a presença de elementos na imagem que acrescentam a esta valor extra, justamente por não serem intrínsecos a ela; há o estabelecimento de identidade do participante visual por meio de atributos que se destacam pelo tamanho, escolha de cores, posicionamento, uso da iluminação, entre outros. Esse processo se segmenta em *atributivo* e *sugestivo*; no atributivo, o participante é salientado por meio de seu posicionamento dentro da imagem, tamanho exagerado, iluminação, nível de detalhamento, foco, tonalidade e/ou intensidade de cor que realizam o significado ou identidade em si; no sugestivo, só há o portador e dele próprio ou de suas qualidades se depreende o significado ou a identidade, há uma atmosfera criada por detalhes que tendem a ser enfatizados. Por fim, no processo conceitual analítico, os participantes estão relacionados em termos de uma estrutura: o todo com o portador e as partes com os atributos possessivos.

Com o objetivo de investigar os modos pelos quais a imagem estabelece relação com o interlocutor – função *interpessoal* (ou *interativa*) –, esses autores segmentam sua forma de manifestação desta em quatro tipos: o contato, a distância social, a atitude e a modalidade. O contato realiza-se pelo contato do olhar entre o participante representado na imagem e o leitor; a distância social, pela visualização do participante representado como estando próximo ou distante do leitor; a atitude, pelo ângulo formado entre o corpo do participante e o leitor; e a modalidade, pelos mecanismos que ajustam o nível de realidade da imagem.

Por fim, para examinar a combinação entre os elementos visuais de uma composição (imagem) – função *composicional* –, os autores dividem-na em três partes: *valor informacional*, *saliência* e *enquadre-estrutura*. O valor informacional relaciona-se à diagramação e à posição dos elementos na página; a saliência liga-se ao modo como os elementos são representados na imagem para atrair a

atenção do observador, por meio do posicionamento em primeiro ou segundo plano, pelo tamanho dos elementos na imagem, pelo foco, pelo contraste de cores etc.; e o enquadre-estrutura refere-se ao modo como os elementos se associam ou se desassociam na imagem, por meio de linhas divisórias ou enquadres distintos.

O Quadro 1 demonstra a segmentação das categorias da GDV apresentada, a fim de facilitar sua visão analítica hierárquica⁷:

Quadro 1 – Segmentação das categorias da Gramática do Design Visual

| Funções imagético-textuais da GDV | | | | | |
|--|------------|--------------------------------|-----------|--------------------|------------------|
| Representacional (1) | | Interpessoal ou interativa (2) | | Composicional (3) | |
| (1) Função representacional | | | | | |
| Categorias | | | | | |
| Conceitual | | | Narrativa | | |
| Processos | | | Ação | | |
| Classificacional | Simbólico | | Analítico | Transacional | Não transacional |
| | atributivo | sugestivo | | | |
| (2) Função interpessoal ou interativa | | | | | |
| Contato | | Distância Social | | Atitude | Modalidade |
| (3) Função composicional | | | | | |
| Valor informacional | | | Saliência | Enquadre-Estrutura | |

Fonte: Kress e Van Leeuwen (2006).

Apesar de toda a robustez teórica da proposta dos autores, em sua proposta analítica, um importante elemento não recebeu a atenção devida: a dimensão social e ideológica do texto. Os autores, preocupando-se enormemente em realizar uma rigorosa e abrangente discussão a respeito dos mecanismos internos do texto, acabam por não se concentrarem na dimensão socioideológica dos textos. Diante dessa lacuna, relacionamos as propostas teóricas da GDV com a ADC.

Importante salientar que essa articulação só é possível graças à coincidência de perspectivas epistemológicas entre ambas as teorias. De fato, tanto as propostas de Fairclough (2001, 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999) quanto as de Kress e Van Leeuwen (2006) se alicerçam nas bases teórico-analíticas da gramática sistêmico-funcional, fato que torna pertinente um possível diálogo entre as duas.

7 Por questão de espaço, o quadro está demonstrado em três etapas, apesar de ser um único.

ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

A Análise do Discurso Crítica (ADC) é uma abordagem teórico-metodológica para os estudos da linguagem. Essa perspectiva filia-se ao paradigma funcionalista dos estudos linguísticos, visto que concentra as suas investigações na relação que a linguagem estabelece com a sociedade. Uma de suas principais vertentes é a Teoria Social do Discurso, perspectiva teórica desenvolvida pelo linguista britânico Norman Fairclough (2001, 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999).

O ponto fulcral de interesse da ADC é o discurso e a relação deste com as práticas e as estruturas sociais. Ou seja, para a ADC, na esteira das propostas do Realismo Crítico⁸, o discurso é uma dimensão constitutiva das práticas sociais e, por conseguinte, das estruturas sociais, tendo, portanto, capacidade de colaborar para a modificação ou reforço delas:

O discurso contribui para a construção de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam ou o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidade e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Dialogando com as propostas de Halliday (1985) a respeito do funcionamento da linguagem, Fairclough (2003) propõe que o discurso seja subdividido em três instâncias significacionais: *acional, representacional e identificacional*. A acional está relacionada ao modo pelo qual agimos por meio da linguagem; a representacional, ao modo de representação de aspectos do mundo; e a identificacional, ao modo pelo qual construímos identificações. Ademais, é pertinente salientar que, para Fairclough (2003), esses momentos constituidores do discurso mantêm entre si uma relação dialética, influenciando-se mutuamente.

Nossa atenção se concentra no significado acional. A opção por esse elemento significacional se deu em virtude de que, no espaço da circulação social dos textos, esse é possivelmente o aspecto mais relevante, haja vista que discutir a forma como um dado texto e, conseqüentemente, seu gênero desempenham determinadas ações no espaço social é fundamental para compreender de que maneiras hegemonias e legitimidades são construídas e sustentadas pelo discurso. Na medida em que o significado acional se manifesta por meio de gêneros, vale o esclarecimento de que, para a ADC, gêneros não são entendidos como algo do plano puramente textual, sendo, na verdade, entendidos como uma amálgama entre o textual e o social, de tal modo que adquirem o qualificativo discursivo. Dessa forma, para a ADC só há gêneros discursivos, porquanto o conceito de gênero não é algo ligado tão somente ao aspecto organizacional da mensagem, mas sim a “um mecanismo articulatório que controla o que pode ser

8 O edifício teórico da ADC está sustentado, filosoficamente, pela perspectiva filosófica do Realismo Crítico. Para essa perspectiva, trazendo à baila Bhaskar (1998) e Resende (2009), a realidade é um sistema aberto, em constante mudança e constituído por diferentes estratos (*físico, biológico, social, semiótico*), bem como por diferentes *domínios* (*empírico, realizado e potencial*). A ADC concentra-se no estrato semiótico dos fenômenos, isto é, em seu momento linguístico; não obstante, procura investigar de que maneira eventos materializados em textos – domínio do empírico – integram-se no espaço das práticas sociais – domínio do realizado – e, conseqüentemente, no âmbito das estruturas sociais – domínio potencial. Por conseguinte, o Realismo Crítico é a sustentação das propostas da ADC de que o discurso mantém uma *relação dialética* com a sociedade, haja vista que a prática social, domínio ao qual pertence o discurso, interage dialeticamente com as estruturas sociais.

usado e em que ordem, incluindo uma configuração e ordenação de discursos” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 144). Por conseguinte, gêneros referem-se a modos relativamente estáveis de (inter)ação por meio do discurso.

Ainda no que se refere ao aspecto social dos gêneros, faz-se possível dizer que eles podem legitimar discursos mantenedores de determinadas assimetrias sociais. Isto é, gêneros podem legitimar maneiras particulares de representar práticas, “a partir de perspectivas posicionadas que suprimem contradições, antagonismos, dilemas, em favor de seus interesses e projetos de dominação” (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999, p. 26). Daí podemos afirmar que investigar a manifestação genérica de um texto é uma ação de nítida preocupação social.

Seguindo o que é proposto por Fairclough (2003), para a análise da dimensão acional do significado, questões relativas à *intergenericidade*, à *intertextualidade* e à *escolha vocabular* são as mais importantes. Por consequência, ao nos debruçarmos sobre os textos que compõem nosso *corpus*, priorizamos essas dimensões, pois são elas que trabalham a construção dos sentidos.

IDEOLOGIA

A ADC, como ciência social e ao mesmo tempo linguística, preocupa-se com os efeitos que (sentidos de) textos possam ter sobre relações sociais, ações e interações, conhecimento, valores, identidades etc. Para ela, a linguagem tem “consequências e efeitos sociais, políticos, cognitivos, morais e materiais” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 14). Mais particularmente, por conta de sua perspectiva crítica e transformadora, pode-se dizer que a ADC centralmente preocupa-se com os “sentidos a serviço de projetos particulares de dominação e exploração, que sustentam a distribuição desigual de poder” (RAMALHO; RESENDE, 2011, p. 23), isto é, com a ideologia.

Quando a linguagem, por meio dos textos e dos discursos, colabora para a universalização e naturalização de interesses particulares projetados para estabelecer e sustentar relações de dominação, deparamos com a ideologia. Ou seja, podemos dizer que, sociologicamente, em ADC, ideologia é um conceito inerentemente negativo. Conforme Ramalho e Resende (2011, p. 25),

[...] é um instrumento semiótico de lutas de poder, ou seja, uma das formas de se assegurar temporariamente a hegemonia pela disseminação de uma representação particular de mundo como se fosse a única possível e legítima.

Em decorrência desse engajamento na denúncia de posicionamentos ideológicos, a ADC acaba por se integrar ao que chamamos de ciência social crítica. Isto é, conforme Fairclough (2001, 2003) e Chouliaraki e Fairclough (1999), a Análise do Discurso ganha o adjetivo crítica por conta de estar interessada e comprometida em oferecer suporte científico para questionamentos de problemas sociais relacionados ao poder e à justiça. Isso porque

[...] a análise de discurso é uma ferramenta, mais que um fim em si mesma, para explorar o modo sistemático como atores ou grupos sociais legitimam maneiras de ver o mundo (QUIROZ, 2008, p. 79).

Apesar da produtividade desse conceito de (crítica da) ideologia, ele nos traz diversos problemas tanto ao nível epistemológico quanto ao nível sociológico. No primeiro caso, como é discutido por Alencar e Gomes (2015), a ADC e o conceito de ideologia estão presos a uma espécie de *ilusão transcendental*, na medida em que situam o lugar do analista num *locus* à parte das práticas que este busca analisar. No segundo, tendo em vista o avanço das transformações sociais contemporâneas e da ascensão de um funcionamento *cínico* do corpo social, como discute Zizek (1996), um conceito de ideologia como este mostra-se insuficiente para dar conta analiticamente do *modus operandi* das práticas sociais contemporâneas. Nesse sentido, utilizamos a proposta da crítica da ADC com algumas ressalvas; mais especificamente, procuraremos não apontar soluções nem nos arrogarmos donos da verdade do sentido do texto – centralmente, buscamos problematizar os sentidos construídos em nossa interação com o material textual.

MEMES E CRISE POLÍTICA

Multimodalidade

No Brasil, não seria exagero dizer que centenas de *memes* são produzidos todos os dias. Política, arte, esporte, religião, economia, tudo serve de base para a contínua produção *mêmica*. Por certo, nem todos os *memes* ganham destaque: alguns circulam entre pequenos grupos e têm uma durabilidade exígua; outros se difundem ao longo do país e do mundo e são vistos por dias, por meses ou mesmo por anos.

Motivados pelo sucesso dos *memes*, tradicionais empresas de comunicação começaram a vinculá-los em suas páginas, seja para mostrar quais *memes* estão fazendo sucesso na rede, seja para buscar novas maneiras de interagir com o público. Para analisar *memes* sobre a crise política que tomou conta do Brasil, vamos recorrer àqueles vinculados aos programas transmitidos por essas grandes empresas. Mais especificamente, vamos analisar dois *memes* que foram vinculados por uma das mais importantes empresas de comunicação do país: Organizações Globo⁹.

No final de uma conturbada semana na qual o então presidente Michel Temer foi acusado de comandar um esquema para pagamentos de propinas e Aécio Neves foi afastado do mandato de senador etc., o programa *Fantástico*¹⁰ veiculou uma reportagem a respeito dos *memes* que narraram a crise política.

9 "No Brasil, entre os principais conglomerados de empresas de comunicação em massa, encontram-se: as *Organizações Globo* (a maior da América Latina), que comporta empresas de televisão aberta, a cabo e satélite, de rádio, jornais, revistas, internet, gravadoras; e o *Grupo Abril* (um dos maiores da América Latina), que encerra empresas de mídia gráfica e digital, dentre as quais a *Editora Abril*, possuindo mais de 30 publicações em revistas no Brasil e atingindo setores que vão do público infantil ao público adulto, e em várias áreas, como informação, entretenimento, saúde, economia, turismo e esporte" (GOMES, 2013, p. 20).

10 *Fantástico* é um programa de televisão brasileiro apresentado aos domingos pela Rede Globo. De acordo com Moraes (2012), contemporaneamente, é um programa que busca articular, em seus quadros, a atividade jornalística com entretenimento.

(a) Na abertura da reportagem¹¹:

Figura 1 – Meme veiculado pelo programa Fantástico



Fonte: <www.globoplay.globo.br>.

Logo de início, chama-nos a atenção a relação um tanto inesperada entre texto verbal e texto visual, gerada sobretudo por conta da duplicidade de sentido presente no texto verbal. De fato, no enunciado “Brasília tá pegando fogo”, nota-se a presença de uma ambiguidade gerada pela dupla possibilidade de leitura tanto do vocábulo “Brasília” quanto da frase “tá pegando fogo”. O primeiro pode ser lido como a cidade ou o estilo de carro. Já o segundo pode, conotativamente, ser lido como um lugar que se encontra em caos social e, denotativamente, como um lugar que verdadeiramente está sendo consumido pelas chamas.

Amparado no que propõe a ADC, no que se refere à *dimensão acional*¹² do significado, mais do que a *dimensão intertextual* ou *intergenérica*, destaca-se a questão da *escolha vocabular*, que é geradora de ambiguidade. Se quiséssemos pormenorizar a análise, seria possível mencionar, recorrendo aos momentos discursivos (representação), a aspectualização de continuidade do processo verbal, que, nesse caso, se dá pelo uso do verbo “pegar” no gerúndio; essa conjugação verbal cria a ideia de que Brasília é um lugar continuamente em chamas. Não obstante, acrescentando um elemento de análise do campo *identificacional* do discurso, podemos nos referir ao caráter epistêmico de certeza presente na modalização da frase, isto é, o uso do modo verbal indicativo, presente no verbo auxiliar, cria o efeito não de possibilidade, mas de certeza em relação à situação de Brasília.

Passando para o texto visual, é importante dizer que ele, ao nos apresentar um carro modelo Brasília pegando fogo, gera uma desambiguação do texto verbal e, em consequência, tendo em vista a circulação discursiva do *meme* (foi veiculado no programa jornalístico *Fantástico*, que, naquela ocasião, falava sobre política), uma quebra de expectativa do leitor, proporcionando um efeito de riso.

Pormenorizando a análise do texto visual, pode-se dizer que a *dimensão representacional* é uma das mais importantes para a leitura desse *meme*. Nele, no que se refere ao relacionamento entre os participantes mostrados na imagem,

11 Disponível em: <www.globoplay.globo.br>. Acesso em: 15 mar. 2018.

12 Usamos também o itálico na análise, de modo a fazer referência mais explícita ao apresentado nas partes teóricas.

nota-se o que Kress e Van Leeuwen (2006) classificam como *representação narrativa com processo acional não transacional*, ou seja, notamos a presença de participantes, de um cenário e de vetores indicando a direção do(s) ator(es) (*representação narrativa*); como há uma inclinação do ator carro em direção a uma determinada meta, temos a presença de um processo *narrativo acional*. Por fim, como o vetor que emana do ator, o automóvel não se dirige a outro participante, o processo é categorizado como *não transacional*.

A escolha de uma imagem que representacionalmente tenha essas características reforça sentidos ligados à ideia de que tanto o automóvel Brasília quanto Brasília – capital do país e sede dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário brasileiros – vão em direção a um destino que não se sabe qual é, o que dá ênfase ao caráter imprevisível do momento político pelo qual passamos. Em certo sentido, o *meme* nos diz que a trajetória política do país é a trajetória da incendiada Brasília/Brasília (automóvel e cidade, respectivamente) em direção a um lugar que não se sabe qual é.

Ainda no campo *representacional*, cabe falar dos participantes e das circunstâncias presentes no texto. Sobre os participantes, nota-se a ausência de atores humanos, o que pode ser “interpretado”¹³ como uma maneira de salientar quanto o processo pelo qual passa Brasília acontece a despeito da vontade da população e a despeito da vontade dos próprios políticos em torno do automóvel Brasília, um cenário que, pela vegetação e pela urbanização precária, salienta o caráter, de certa maneira, interiorano e passadista de nosso país e, consequentemente, de nossa política.

Em síntese, nesse *meme*, por meio da conjugação de texto verbal e texto não verbal, temos efeitos de sentido que, com humor, reforçam o cenário de crise política no qual estamos vivendo. Não obstante, nesse texto é possível dizer que a crise política é vista como um processo para o qual ainda não se tem um destino definido e que ela se dá num contexto de passadismo e de baixíssimo controle popular ou mesmo formal.

(b) No encerramento da reportagem¹⁴:

Figura 2 – Meme veiculado no programa Fantástico



Fonte: <www.globoplay.globo.br>.

¹³ Quando chamamos a atenção sobre a questão de “interpretação” de sentidos, não podemos esquecer que todo analista está impregnado de subjetividade aliada ao senso comum sociocultural que nos cerca.

¹⁴ Disponível em: <www.globoplay.globo.com>. Acesso em: 15 mar. 2018.

Na relação entre texto visual e texto verbal, em termos visuais, temos uma imagem da bandeira brasileira, enquanto em termos verbais, deparamos com o enunciado “CTRL+ ALT+ DEL”, que, intertextualmente, vai ao encontro do campo da informática, que pode ser visto como uma combinação de comandos do teclado de computador que possibilita controlar os processos em atividade no momento e “fechar/deletar” o que está causando conflito ou instabilidade.

Sobre a imagem da bandeira brasileira vinculada no texto, no plano *representacional*, poderia ser classificada como sendo de cunho *conceitual simbólico atributivo*: no *conceitual*, vemos que a justificativa está na ausência de vetores; no *simbólico*, o fato de haver, na relação entre texto verbal e visual, um acréscimo de características extras ao Brasil e à bandeira do Brasil; e no *atributivo*, a relevância dada ao atributo de Brasil como algo que deve controlar os processos em atividade e solucionar o que está causando conflito ou instabilidade.

Ademais, é possível tecer um comentário sobre a relação entre o enunciado “CTRL+ ALT+ DEL” e a frase oficial da bandeira “ordem e progresso” como os valores centrais da nação, já que a *mêmica* (informática) vincula-se à ideia de instabilidade e de necessidade de reinício, ou seja, “deletar” para reiniciar.

Outrossim, cabe discutir o apagamento das estrelas, as quais, no modelo original da bandeira, representariam os Estados da Federação. O apagamento desses elementos pode, em certo sentido, colaborar para um efeito de unidade da situação pela qual passa o Brasil, já que, na atual situação, não haveria Estados ou diferenças, mas tão somente uma crise generalizada.

Ou seja, nesse texto de encerramento, ao encontro do de abertura da reportagem, em ambos há um reforço da dimensão da descrença do brasileiro a respeito dos rumos políticos, dos da nação, discurso que, em certo sentido, dá a ver ou mesmo agrava o cenário de crise política que o Brasil vive.

Práxis discursiva e práxis social-ideológica: o cinismo

Com base nessas duas análises, interessa-nos agora, como preconiza a ADC, discutir os textos e discursos do ponto de vista da ideologia, observando a relação que a dimensão discursivo-textual estabelece com as práticas e com as estruturas sociais das quais é um momento. Sobre ideologia, de acordo com Fairclough (2003, p. 18), esta pode ser definida como “representações de aspectos do mundo que podem ser apresentados para estabelecer e manter relações de poder, de dominação e de exploração”. Isto é, ideologia é o sentido e o discurso a serviço do poder e da assimetria entre grupos e sujeitos sociais. Sabendo disso, poderíamos indagar se os *memes* analisados são ideológicos. E se mantêm ou reforçam relações de poder e de dominação.

Do ponto de vista do conteúdo, os *memes* analisados mostram quanto a permanência da forma de organização social e das práticas corruptas que guiam a República são danosas para o país. De fato, se Brasília é um lugar em “chamas”, e o Brasil é um lugar que precisa “fechar” o que causa instabilidade, os textos são críticos em relação ao modo de partilha do poder político e social. Nesse sentido, os textos são comprometidos com transformações sociais e com uma nova partilha do poder político, portanto, são não ideológicos.

No entanto, se pensarmos na produção, recepção e consumo desses textos, observando o caráter, antes de tudo, humorístico com o qual estes são consumidos,

podemos dizer que, ao transformar a crise política e a situação do país em piada, eles, em certo sentido, podem alimentar a passividade diante dos acontecimentos. Isto é, por nada fazerem, enquanto tudo acontece, os textos reforçariam relações assimétricas de poder e colaborariam para a sustentação da penosa situação política do país, sendo, portanto, ideológicos.

Sobre isso, é importante salientar que este trabalho não visa julgar se os *memes* são ou não ideológicos, mas, talvez, antes de tudo, discutir o conceito de ideologia utilizado pela ADC que se mostra insuficiente para analisar a própria circulação de *memes* e para a realização da crítica de uma maneira geral. Dessa perspectiva, talvez a atitude verdadeiramente produtiva da nossa parte seja aludir ao fato de que talvez a ascensão do gênero *meme* esteja relacionada à emergência de um novo modo de funcionamento da racionalidade e da ideologia no contemporâneo – o *cinismo*.

De acordo com Safatle (2008, p. 69) e na esteira de Sloterdijk (2012),

O cinismo aparece [...] como elemento maior do diagnóstico de uma época na qual o poder não teme a crítica que desvela o mecanismo ideológico. Até porque [...] o poder aprendeu a rir de si mesmo, o que lhe permitiu revelar o segredo do seu funcionamento e continuar funcionando como tal.

Seguindo a ideia dos autores, na sociedade cínica, o poder aprendeu a rir de si mesmo, ou seja, aprendeu a ver seus problemas e, ainda assim, continuar operando. O modo de organização do capitalismo, hoje, não é avesso a contradições e a críticas, mas sim àquelas que têm como seu suporte, já que se tornou capaz de, mesmo consciencioso de seus pontos problemáticos, justificar suas ações.

No caso da crise política, pode-se observar o discurso cínico quando se analisa, do ponto de vista social, a articulação entre crise política e economia. Mesmo diante da total descrença no campo político, o discurso manifestado é o de que as atividades não podem parar, já que isso atrapalharia o progresso econômico. Isto é, a consciência dos problemas não afeta diretamente as ações que implementamos para resolvê-los, já que se encontra de alguma maneira justificativa para prosseguir, mesmo diante dos impasses. Esse é o modo de operação que Sloterdijk (2012) e Safatle (2008) chamam de *racionalidade cínica* ou *falsa consciência esclarecida*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos analisar multimodal e criticamente *memes* a respeito da crise política. Para a operacionalização dos nossos objetivos, colhemos, sobre a crise política, dois *memes* veiculados em reportagem do programa dominical *Fantástico*. Esses *memes* apontam para um discurso que reforça o cenário de desilusão e de desencanto diante da democracia brasileira; aspectos que, em certo sentido, podem corroborar a ideia de que vivemos em uma época de capitalismo e de racionalidade cínica.

Como diz o título deste item, ficamos com as “considerações” e não com “finais”, pois o gênero *meme* deixa várias indagações. Será a ascensão dos *memes* – com seu modo de organização que não nos leva, *grosso modo*, a reorganizar ou a transformar nossas ações, mas tão somente a rir do nosso próprio estado de

desespero social – um sinal da ascensão de um modelo cínico de racionalidade e de ideologia?

MEMES DISCOURSE ON THE BRAZILIAN POLITICAL CRISIS – SIGNALS OF CINIC RATIONALITY?

Abstract: The aim of this work is to, through memes, analyze multimodal and critically the discourse about the Brazilian political crisis. For this purpose, more specifically, we examine, through the theoretical apparatus of the Critical Discourse Analysis (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001, 2003) and the Grammar of Visual Design (KRESS; VAN LEEUWEEN, 2006), the memetical discourses, seeking to also discuss, through the proposals of Sloterdijk (2012) and Safatle (2008), the social and ideological implications of the discourses that were materialized. In as much as we construct an analysis of multimodal and critical nature, we highlight that the humour of the meme turns into a ideological discourse that makes sense of critical order.

Keywords: Memes discourse. Cynism. Ideology.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, C. N. de; GOMES, E. P. M. Problemas do consórcio Realismo Crítico/ Análise do Discurso Crítica para a análise social do discurso: sócio politizando a postura crítica. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 23, n. 2, p. 511-533, 2015.
- AVGERINOU, M. D. Re-viewing visual literacy in the “bain d’images” era. *Techtrends*, v. 53, n. 2, p. 28, mar. 2009.
- BHASKAR, R. Critical realism: essential readings. In: ARCHER, M.; BHASKAR, R.; COLLIER, A. et al. *Centre for critical realism*. London: Routledge, 1998. p. 409-443.
- CALLOW, J. *The shape of text to come: how image and text work*. Australia: Petaa, 2014.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Edinburg: Edinburg University Press, 1999.
- DAVISON, P. The language of memes at internet. In: MANDIBERG, M. (Ed.). *The social media reader*. New York: New York University Press, 2012. p. 120-136.
- DAWKINS, R. *O gene egoísta*. São Paulo: Edusp, 1979.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. New York/London: Routledge, 2003.
- FREIRE, P. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- GOMES, E. *A constatação da corrupção enquanto performatização de um discurso: uma análise de reportagens de Veja em casos de corrupção política*. 2013. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)–Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.
- HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

- JEWITT, C. An introduction to multimodality. In: JEWITT, C. (Ed.). *The Routledge hand book of multimodal analysis*. New York/London: Routledge, 2010. p. 14-27.
- KRESS, G. *Literacy in the new media age*. London: Psychology Press, 2003.
- KRESS, G. *Before writing: rethinking the paths to literacy*. New York/London, Routledge, 2005.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. New York/London: Routledge, 2006.
- MOISÉS, J. A desconfiança nas instituições democráticas. *Opinião Pública*, v. 11, n. 1, p. 33-63, 2005.
- MORAES, H. J. P. Informação e espetáculo: análise dos gêneros jornalísticos exibidos no programa *Fantástico*. *Vozes e Diálogo*, v. 11, n. 1, p. 45-52, jan./jul. 2012.
- QUIROZ, B. La identidad vinculada a la calle en el discurso de personas sin techo. In: PARDO, M. L. (Org.). *El discurso sobre la pobreza en América Latina*. Santiago: Frasis, 2008. p. 55-79.
- RAMALHO, V.; RESENDE, V. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas: Pontes Editores, 2011. (Coleção Linguagem e Sociedade, v. 1).
- RESENDE, V. M. *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas: Pontes Editores, 2009.
- SAFATLE, V. *Cinismo e falência da crítica*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SLOTERDIJK, P. *Crítica da razão cínica*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- ZIZEK, S. Introdução: o espectro da ideologia. In: ZIZEK, S. et al. (Org.). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 7-38.

Recebido em março de 2018.

Aprovado em julho de 2018.